

---

# Todo dia ela faz tudo sempre igual

Mulheres em situação de vulnerabilidade e trabalho na  
pandemia de Covid-19

---

Relatório preliminar



# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>AUTORAS E ORGANIZAÇÃO</b>	<b>3</b>
<b>NOTA METODOLÓGICA</b>	<b>4</b>
<b>PRODUTOS</b>	<b>6</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>EIXO ALIMENTAÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>EIXO SAÚDE</b>	<b>13</b>
<b>EIXO TRABALHO DOMÉSTICO</b>	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>18</b>

# APRESENTAÇÃO

A pandemia do coronavírus causou um choque profundo na forma como vivemos, pensamos e planejamos nossas vidas e relações sociais. No entanto, apesar de atingir a todas e todos, determinados grupos foram e estão sendo impactados de maneira mais drástica e duradoura, o que coloca seus futuros em sério risco.

Um dos casos que mais evidencia essa desigualdade é o das mulheres, especialmente aquelas em condições de vulnerabilidade, como as mulheres negras, as chefes de família e as mães solo, para as quais o atual cenário de desemprego elevado é particularmente cruel, ou mesmo as trabalhadoras domésticas, as enfermeiras e as cozinheiras que, apesar de realizarem trabalhos ditos essenciais, recebem remunerações insuficientes ou aquém da carga de trabalho realizada, e se expõem a diversos riscos diariamente devido à condições de trabalho insalubres ou ausência de proteção adequada para a prevenção da Covid-19.

Além disso, no interior de seus lares, essas mulheres também precisam enfrentar uma série de novos desafios causados pelas medidas de isolamento, tais como o aumento vertiginoso da quantidade de horas dedicadas aos afazeres domésticos e ao cuidado de crianças, idosos, deficientes e/ou doentes, intensificação da vulnerabilidade financeira e maior risco de conflitos familiares, incluindo casos com desfechos violentos, além de sentimentos constantes de impotência, baixa-estima e temor.

Diante deste quadro, a reflexão e conscientização acerca do quanto o presente momento pode ameaçar drasticamente o futuro das mulheres na sociedade pós-crise sanitária se mostra urgente. Como as mulheres sairão da pandemia e o quanto a sociedade irá sucumbir com o colapso de sua pedra angular são discussões cruciais que queremos incluir no atual debate feminista com este relatório.

# APRESENTAÇÃO

A pesquisa **Todo dia ela faz tudo sempre igual: mulheres em situação de vulnerabilidade na pandemia de Covid-19** é um esforço visando dar voz e projeção às subjetividades femininas acerca dos impactos da pandemia de coronavírus em suas vidas e bem-estar em termos de trabalho, seja este inserido na chamada economia produtiva ou realizado no interior do lar para a reprodução da vida. Considerando a significativa influência dos indicadores da região metropolitana de São Paulo na composição do quadro mais geral da realidade brasileira no que tange ao mundo do trabalho, serão analisados dados territorializados na Grande São Paulo. A pesquisa irá se subdividir em três eixos, os quais abrangem alguns dos setores mais afetados pela pandemia e que, ao mesmo tempo, incorporam a maior parte da mão de obra feminina, remunerada ou não: Alimentação, Saúde e Trabalho Doméstico - isto é, trabalhos associados aos cuidados.

Como referência para analisar a situação de trabalho das mulheres na Grande São Paulo, iremos utilizar os Indicadores Normativos do Trabalho Decente da Organização Internacional do Trabalho (OIT)<sup>1</sup>. Fundada em 1919, a OIT é uma agência das Nações Unidas que contribuiu para temas importantes da agenda de direitos das mulheres desde a sua formação, tais como a proteção à maternidade e a igualdade salarial entre mulheres e homens. O conceito de trabalho decente<sup>2</sup> faz parte de uma agenda mais recente, tendo sido formalizado em 1999, e compõe o principal marco internacional visando a geração de oportunidades de emprego e renda dignas para mulheres e homens, bem como a promoção de direitos fundamentais no mundo do trabalho, tais como a eliminação de todas as formas de discriminação no emprego e ocupações e a erradicação do trabalho forçado, o qual vitimiza principalmente mulheres e crianças.

---

<sup>1</sup> Os Indicadores Normativos do Trabalho Decente correspondem à: i. Oportunidades de Emprego; ii. Rendimentos Adequados e Trabalho Produtivo; iii. Jornada de Trabalho Decente; iv. Combinação entre Trabalho, Vida Pessoal e Vida Familiar; v. Trabalho a ser Abolido; vi. Estabilidade e Segurança no Trabalho; vii. Igualdade de Oportunidade e de Tratamento no Emprego; viii. Ambiente de Trabalho Seguro; ix. Seguridade Social; x. Diálogo Social e Representação de Trabalhadores e Empregadores e xi. Contexto Econômico e Social do Trabalho Decente.

<sup>2</sup> Como reflexo da hegemonia de setores mais alinhados ao sistema capitalista na organização, o conceito incorpora uma lógica de exploração da mão de obra de mulheres e homens no trabalho, porém com garantias básicas, tais como a satisfação de necessidades pessoais e familiares nas áreas de alimentação, educação, moradia, saúde, aposentadoria e segurança, a proteção social no caso da impossibilidade de seu exercício e a igualdade de gênero.

# AUTORAS E ORGANIZAÇÃO

A pesquisa **Todo dia ela faz tudo sempre igual: mulheres em situação de vulnerabilidade e trabalho na pandemia de Covid-19** é uma iniciativa do Mundo que Vemos, projeto incubado no âmbito do Laboratório de Governança Global e Direitos Humanos do Mestrado Profissional em Governança Global e Formulação de Políticas Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

O **Mundo que Vemos**<sup>3</sup> é um observatório de investigação e reflexão dialógica acerca das percepções e subjetividades de grupos vulneráveis e/ou minorias políticas que são histórica e socialmente invisibilizados. O nosso propósito é produzir e discutir evidências à luz de perspectivas humanistas que permitam a construção de novos olhares e soluções para problemas sociais contemporâneos. A partir de uma proposta colaborativa, buscamos fomentar o engajamento de diversos atores do setor público, da sociedade civil e da iniciativa privada, auxiliando-os no planejamento, estruturação e implementação de políticas, projetos e/ou ações de intervenção social. Exemplos de temas que abordaremos são a desigualdade de gênero, o direito à cidade, distribuição de renda, migração e refugiados etc. Além disso, contribuimos com o fortalecimento destas e de outras agendas a partir do diálogo com marcos regulatórios internacionais de importantes instituições da governança global tais como as Nações Unidas (ONU), o Banco Mundial (BM) etc.

---

<sup>3</sup> Idealizadoras: Carla Mustafa, Daniele Martins, Isadora Souza, Maria Tereza Cavalheiro, Marina Rongo e Thalita Alves.

# NOTA METODOLÓGICA

Esta pesquisa conta com esforços tanto teóricos como empíricos para identificar o impacto da pandemia da Covid-19 no trabalho e bem-estar das mulheres na Grande São Paulo. Do ponto de vista teórico, quer-se entender, a partir de revisão de literatura de estudos feministas, sobretudo da área econômica, a questão de gênero no que tange especialmente o trabalho feminino no contexto urbano. Empiricamente, pretende-se analisar dados secundários da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e coletar dados primários por meio de um questionário online.

Com relação aos dados secundários, pretende-se monitorar e analisar indicadores sobre o trabalho feminino, passíveis de serem desagregados por município, bem como por outras variáveis importantes para este estudo como cor, renda e idade.

O questionário online, por sua vez, diferencial e maior esforço deste projeto de pesquisa foi traduzido e adaptado do *Model Survey - Socio Economic and Gender Impact of Covid-19 on Households* do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Em resumo, algumas questões foram suprimidas; foram modificadas perguntas para que se adequassem à realidade brasileira; e foram adicionadas questões associadas ao auxílio emergencial, concedido pelo governo federal nos primeiros meses da pandemia e com risco de descontinuidade em 2021.

O questionário coletará dados sociodemográficos, com foco em renda, cor, idade e número de filhos, para que dinâmicas desiguais de trabalho possam ser analisadas. A variável territorial também importa, para averiguar desigualdades nos territórios da cidade, por isso serão coletadas informações referentes ao bairro e à rua dos respondentes. Finalmente, serão coletados dados divididos nos seguintes temas definidos pelo PNUD: saúde e cuidado, emprego e renda, uso do tempo e cuidado e dinâmicas dentro da residência.

Por não conhecermos nosso público-alvo, trabalharemos com uma amostra não probabilística. Para alcançar um bom número de mulheres, será utilizado, a princípio, método bola de neve (*snowball sampling*). Neste caso, é selecionado pela equipe de pesquisadores um primeiro grupo de mulheres. Esse primeiro grupo, responsável por ativar o potencial de rede, indicará um número de mulheres, as quais, por sua vez, indicarão novas mulheres e assim sucessivamente até que a amostra esteja completa. O

risco deste método é o viés de seleção, o qual deve ao máximo ser evitado a partir de técnicas como estabelecer previamente e limitar o número de indicados e rastrear o grau de parentesco dos respondentes (Hackathon, 1997).

Não temos um tamanho de amostra estatisticamente estabelecido. Apesar disso, quer-se um número suficiente de mulheres por renda, cor e idade, capaz, ainda que não de fazer generalizações estatísticas, de generalizações analíticas. Nesse sentido, na medida em que forem coletadas informações de contato no survey, será possível selecionar algumas mulheres para que sejam realizadas entrevistas aprofundadas ou um segundo questionário mais detalhado.

As primeiras mulheres selecionadas para responderem o questionário devem ser das seguintes redes de mulheres: Sindicato dos Trabalhadores Domésticos do Município de São Paulo, Sindicato das Empregadas e Trabalhadoras Domésticas da Grande São Paulo (SINDOMÉSTICA), Segura a Curva das Mães e Rede Meninas e Igualdade de Gênero (RMIG). É importante considerar selecionar mulheres respondentes não só vinculadas às redes ativistas, uma vez que pode enviesar os resultados.

Depois de coletados, os dados serão tratados para, posteriormente, serem analisados tendo em vista a literatura, os dados secundários da Pnad Contínua e, possivelmente, os roteiros mais detalhados e entrevistas aprofundadas.

Em suma, pode-se distinguir as seguintes etapas de realização do questionário online:

- 1 - construção do questionário (feito);
- 2 - teste do questionário (feito);
- 3 - adequação do questionário;
- 4 - aproximação com rede de mulheres e demais primeiras respondentes;
- 5 - aplicação do questionário nas primeiras respondentes;
- 6 - aplicação do método bola de neve (com monitoramento das respondentes);
- 7 - análise dos dados.

# PRODUTOS

A tabela a seguir resume os produtos previstos do projeto, com seus respectivos indicadores:

<b>Produtos</b>	<b>Indicadores</b>
Base de Dados	Sim, Não - Linha de base: Não
Relatório	Sim, Não - Linha de base: Não
Publicações e Artigos	Número de publicações e artigos
Evento/Seminário/Workshop	Registros do evento



# INTRODUÇÃO

Atualmente, são cerca de 14,4 milhões de pessoas desempregadas em todo o Brasil, com uma taxa de desocupação<sup>4</sup> de 14,1%, enquanto a taxa de subutilização<sup>5</sup> está em torno de 28,6%, segundo dados da Pnad Contínua (2021, IBGE). Seguindo a tendência histórica, a taxa de desemprego feminina em todo o país continua significativamente maior do que a média nacional, tendo atingido 17,1% no trimestre encerrado em junho de 2021. Tal resultado corrobora o fato de que a realidade laboral feminina no Brasil sempre foi marcada pela desigualdade e discriminação de gênero em diversos aspectos (acesso, salário, posições etc), mesmo com as mulheres sendo maioria (51,8%) no país e, no caso das brancas, possuindo maiores níveis educacionais, como ensino superior completo (37,7% a mais do que os homens), conforme a Pnad Contínua (2016, IBGE).

Embora tenham ocorrido importantes transformações sociais nas últimas décadas, como maior escolarização e inserção no mercado laboral, as mulheres brasileiras seguem ganhando  $\frac{3}{4}$  do que os homens. À medida em que o grau de instrução aumenta, maior é a desigualdade salarial de gênero, com as mulheres com ensino superior completo ou mais recebendo 63,4% do que os homens, de acordo com a Pnad Contínua (2016, IBGE). Ainda assim, a participação das mulheres em cargos gerenciais é menor, sendo de 39,1%, contra 60,9% dos homens nos setores público e privado.

Além disso, as mulheres tendem a trabalhar em subempregos e são as primeiras a serem demitidas destes trabalhos em um contexto de crise econômica, ao mesmo tempo em que elas são majoritariamente (73%) responsáveis pela sustentação financeira dos domicílios no Brasil (FACAMP, 2020). A subalternização da mulher no mercado de trabalho se intensifica quando fatores sociais como raça e classe são analisados: dos cerca de 26,1 milhões de trabalhadores subutilizados em 2019, 33,2% são mulheres negras, contra 20,7% de mulheres brancas (Pnad Contínua, 2019).

Conforme argumenta Kergoat (2009, apud Briguglio, 2019), "a divisão sexual do trabalho [...] tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva

---

<sup>4</sup> A taxa de desocupação indica o percentual de pessoas sem trabalho ou ocupação na semana da pesquisa, e que tomaram alguma providência efetiva para consegui-lo nos últimos 30 dias (IBGE, 2021). Disponível em: [Indicadores IBGE \(2021\)](#).

<sup>5</sup> A taxa de subutilização engloba os subocupados, os desocupados e a força de trabalho potencial. São pessoas acima de 14 anos que trabalhavam habitualmente menos de 40 horas no seu trabalho ou no conjunto de todos os seus trabalhos e que gostariam de trabalhar mais horas do que trabalhavam na semana da pesquisa (IBGE, 2021). Disponível em: [Indicadores IBGE \(2021\)](#).

e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado". Essa divisão ocorre devido a barreiras invisíveis que, além de limitar as mulheres aos trabalhos mais precários e vulneráveis, impedem a sua ascensão para cargos de liderança e/ou melhor remunerados. Na ótica da teoria econômica feminista, essas barreiras são conhecidas como "piso pegajoso" (*sticky floor*) e "teto de vidro" (*glass ceiling*). Há que se considerar também a questão da raça, uma vez que, "o racismo e o machismo estão conjugados no espaço de trabalho" (BRIGUGLIO, 2019, p. 184).

A metáfora do piso pegajoso se refere à concentração massiva de mulheres em cargos inferiores, precários, de baixo prestígio e pior remunerados. São trabalhos que possuem pouca ou nenhuma mobilidade e estão situados nos setores produtivos mais atrasados e com especializações obsoletas, além do caráter informal ou "flexível" dos contratos (intermitentes ou parciais). Já o teto de vidro explicita as barreiras que impedem a ascensão das mulheres a níveis hierárquicos mais elevados, como excesso de afazeres domésticos, falta de oportunidades, culturas empresariais hostis e preconceitos como "falta de espírito de liderança" por parte das mulheres.

Embora a pandemia de Covid-19, eclodida em março de 2020 no Brasil, não tenha criado o cenário desigual e de alta vulnerabilidade para as mulheres no mercado de trabalho nacional, esta certamente o agravou, aumentando drasticamente a carga de trabalho doméstico e expondo inúmeras mulheres ao desemprego, a uma rede proteção social insuficiente, ou ainda, no pior dos cenários, à total desproteção social.

Importante notar que o trabalho doméstico, conceituado como "trabalho reprodutivo" ou "trabalho de cuidados" na teoria feminista, se refere aos cuidados com a casa e a família, sobretudo das crianças, enfermos, idosos e/ou deficientes (FERNANDEZ, 2018, p. 569-570). Por fazer parte do "tempo fora do trabalho", essa modalidade de trabalho é considerada inferior ao trabalho produtivo remunerado e, portanto, sequer é reconhecida como trabalho de fato, embora se trate de uma ocupação constante e desgastante.

Nesse sentido, dentro da crise de saúde nesta pandemia coexiste uma crise do cuidado, pois deve-se verificar quem são as pessoas que cuidam, e quem cuida delas nesse tempo crítico (SANTOS, G; 2020, p. 3-5). É necessário questionar principalmente como se mantém um trabalho não remunerado que exige muito, sem férias, sem descanso e com uma carga horária infinita que preenche as 24 horas do dia. Ainda assim as mulheres continuam a cumprir "o seu papel feminino".

De acordo com a PNAD Contínua (2016) do IBGE, as mulheres brasileiras realizam cerca de 73% horas a mais de trabalho reprodutivo do que os homens – 18,1 horas por semana, contra 10,5 horas. Cerca de dois meses após o início da pandemia no Brasil, 43% das mulheres brasileiras afirmaram que tiveram que assumir muito mais responsabilidade pelas tarefas domésticas e cuidados com a família na pandemia, contra 35% dos homens.

No que se refere à situação financeira das mulheres logo após a pandemia, apenas 1/3 de 369 mulheres negras entrevistadas pelo ID-BR continuaram empregadas e recebendo salários, ao passo que as demais foram expostas a inúmeras vulnerabilidades que afetam não apenas a sua condição objetiva, como subjetiva: "me sinto inútil, ociosa, triste... Parece que tudo que já era difícil ficou pior. No âmbito profissional fiquei estagnada[...]", afirmou uma das entrevistadas.

De acordo com os dados do Data Favela e Instituto Locomotiva, em março, 92% das mães das favelas afirmaram que teriam dificuldade para comprar comida após um mês sem renda e 76% delas relataram que, com os filhos em casa fora da escola, os gastos em casa já aumentaram (Instituto Olga, 2020). As mães solas são as que estão em uma situação de vulnerabilidade maior, pois antes estavam em uma tripla jornada e devem se forçar para uma quarta jornada imposta pelo isolamento social. Além disso, as mães negras são as mais atingidas pelo desemprego, representando 15,2% da taxa nacional, segundo dados do IBGE deste ano (Gênero e Número, 2020).

A situação das mulheres que continuam empregadas, dada a essencialidade de sua ocupação, também desperta preocupações. Historicamente, as mulheres estão concentradas nos setores de Serviços e Comércio no Brasil. Dentro destes, as áreas majoritariamente femininas são as de Alimentação, Saúde e Trabalho Doméstico, sendo que, no atual contexto da pandemia, as profissionais dos setores alimentícios e doméstico são as mais invisíveis.

De fato, há uma significativa parcela de mulheres compondo as cozinhas de pequenos restaurantes, cuja demanda aumentou vertiginosamente na pandemia devido ao crescimento dos serviços de *delivery* devido às restrições da quarentena. Estas profissionais também atuam em serviços de alimentação para grandes indústrias ou funcionalismo público e frequentemente são mal-remuneradas ou trabalham em jornadas estressantes e em condições insalubres.

No que se refere à área da Saúde, houve uma intensificação exorbitante na carga horária dos profissionais da saúde em geral, sobretudo os de enfermagem, os quais estão na linha de frente e, portanto, são os mais vulneráveis. Considerando o perfil social desta categoria, podemos afirmar que a luta contra a Covid-19 no Brasil tem cara de mulher, excetuando-se as brancas, uma vez que a maior parte das enfermeiras que hoje atuam no país são pardas ou pretas.

Já quanto ao trabalho doméstico, nas classes ricas, observa-se uma recriação da dinâmica colonial e classista de trazer domésticas para morar dentro de seus lares. Em sua maior parte, as trabalhadoras domésticas são negras, e, além de costumeiramente estarem na informalidade e serem mal-remuneradas, agora lidam com mais um grau de subordinação ao terem que dividir o mesmo teto com seus empregadores. Nas classes médias, as trabalhadoras continuam em trabalhos precários, mal-remunerados, porém, agora expostas ao risco de contaminação pelo vírus durante a circulação pela cidade em transportes públicos.

# EIXO ALIMENTAÇÃO

A preparação de alimentos é a atividade mais realizada pelas mulheres brasileiras, com 95,5% delas executando a tarefa cotidianamente, de acordo com dados da Pnad Contínua (2020, IBGE). Esta estatística se reflete no mercado de trabalho, uma vez que, cerca de 71% das mulheres na Grande São Paulo estão concentradas no setor de serviços, sobretudo os de alimentação, conforme aponta o Dieese-Seade (2015). Apesar de se tratar de uma função fortemente baseada em um estereótipo de gênero e que gera uma forte segregação ocupacional, há também uma forte hierarquia no setor: mesmo com as mulheres sendo maioria, elas estão restritas à "funções de mulher" e são menos valorizadas do que os homens.

Em outras palavras, a divisão sexual de trabalho neste segmento é marcada pela presença de mulheres na esfera doméstica e de homens quando a atividade profissional é remunerada e valorizada. A "cozinha" é um espaço em que as desigualdades de gênero estão presentes de maneira estrutural e histórica, e são orientadas por princípios de separação e hierarquização em que tanto ocorre a divisão de tarefas a ser realizadas por mulheres e homens de acordo com o gênero, como a valorização do trabalho masculino em detrimento do feminino (BRIGUGLIO, 2017).

Esta divisão é perceptível, tanto quanto ao tipo de tarefa atribuídas às mulheres - aquelas que exigem mais "delicadeza e sensibilidade", como lavar louça, confeitaria e o preparo de pratos da chamada "cozinha fria"<sup>6</sup> -, como ao tipo de estabelecimento, uma vez que restaurantes mais populares e com refeições mais triviais empregam mais mulheres tanto na cozinha como no serviço, enquanto os restaurantes mais sofisticados contam com mais profissionais masculinos (BRIGUGLIO, 2017, p. 01).

No contexto da pandemia, o setor de alimentação tem sido um dos mais afetados. Bares e restaurantes tiveram que se adaptar às novas regras de funcionamento com redução de público e horário de atendimento. Esta reformulação da infraestrutura de trabalho e mesmo o corte de gastos também refletiu na situação de inúmeras trabalhadoras deste setor, que ou foram dispensadas ou tiveram que readequar suas jornadas de trabalho e rendimentos diante da situação de pandemia.

---

<sup>6</sup> Pratos da "cozinha fria" incluem entradas, saladas e sobremesas, em contraposição aos da "cozinha quente", os quais necessitam do uso de grelha, forno e fogão (BRIGUGLIO, 2020, p. 132).

Nota-se que, mesmo anteriormente à crise sanitária, as ocupações neste setor não raras vezes são realizadas de maneira informal, sem qualquer vínculo empregatício ou acesso aos direitos trabalhistas. As restrições e diminuição destas atividades econômicas devido às medidas de isolamento, tanto o desemprego, como a precarização das condições de trabalho se agravaram significativamente, aprofundando ainda mais a desigualdade de gênero e raça nas relações de trabalho/emprego no contexto mais amplo da economia nacional.

# EIXO SAÚDE

O trabalho de cuidado é árduo, exigente e alocado culturalmente para as mulheres, com uma totalidade de dois terços da força de trabalho feminina envolvida em atividades de cuidado no mundo (Oxfam, 2020 apud SANTOS, G; 2020). Este tipo de ocupação é fundamental para que a economia capitalista se desenvolva, porém é desvalorizado, não sendo remunerado na maior parte das vezes, e, pode se dizer, sequer categorizado como trabalho.

Nesta pandemia, o trabalho de profissionais da saúde se intensificou significativamente. Aqueles que são remunerados para cuidar dos infectados pelo coronavírus sofrem, para além da questão do aumento da carga horária, altos riscos de saúde que vão desde o comprometimento da saúde física e mental, à própria exposição direta ao vírus e maior propensão ao contágio da doença - que pode levar à morte.

Estes profissionais têm um rosto que se corporifica de forma específica e majoritariamente invariável: "a guerra [para combater a pandemia causada pelo novo coronavírus] tem rosto de mulher" (Associação Nacional dos Especialistas em Políticas Públicas e Gestão Governamental - ANESP, 2020). Em nível global, 70% das equipes de trabalho em saúde e serviço social são do sexo feminino, como médicas, enfermeiras, parteiras e trabalhadoras de saúde (HERNANDES, E; VIEIRA, L, 2020).

No Brasil seguimos o mesmo padrão, de forma acentuada - são 78,9% mulheres trabalhando na área da saúde, de acordo com os dados desagregados por sexo pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que abrangem os profissionais das principais categorias: médicos, profissionais de enfermagem (enfermeiros, técnicos de enfermagem e auxiliares de enfermagem) e agentes comunitários de saúde (HERNANDES, E; VIEIRA, L, 2020).

Sendo assim, a linha de frente contra o COVID-19 tem gênero, assim como também tem cor: as mais expostas são as mulheres negras. De acordo com os dados da Rede Covida, 85,1% dos trabalhadores de enfermagem são mulheres e 53% são negras, sendo 41,5% são pardas e 11,5% pretas (SANAR SAÚDE, 2020).

Os perigos para estas profissionais é alto, de acordo com o Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), o registro nos primeiros meses era de pelo menos 12 mil casos de coronavírus e 84 óbitos dentro da categoria. Igualmente preocupante é o impacto na saúde mental destas profissionais, com a escassez de EPIs (Equipamentos de Proteção

Individuais), o número crescente de pacientes, a preocupação pelo cuidado para os colegas de trabalho e a família, a carga de trabalho extensa e acesso limitado para apoio psicológico.

No caso dos EPIs, o ponto de proteção do contágio, a realidade brasileira é que seu uso é restrito. Conforme um depoimento de uma enfermeira do Hospital São Paulo (da Universidade Federal de São Paulo, Unifesp), quando ela foi informada que o equipamento de proteção seria limitado, ela afirmou: “fomos orientadas a utilizar a máscara por sete dias, o que eu achei um absurdo. Segundo o fabricante, é por período. Vamos ter que guardar a nossa máscara e trocar a cada semana. Se não tiver nenhum dano, a gente vai permanecer com ela” (Cofen, 2020). Isso reflete a imagem de um trabalho precário, extremamente vulnerável devido à falta de responsabilidade e consideração do poder público.

Embora estes impactos abarquem a todos os profissionais independentemente do gênero, as dinâmicas de gênero acabam tornando as mulheres mais vulneráveis. Exemplos disso são o fato dos EPIs serem inadequados ao corpo feminino, pelo tamanho e formato, o que dificulta o seu trabalho, bem como os episódios de assédio sexual no ambiente de trabalho ou fora dele, que têm se multiplicado no contexto da pandemia e tendem a afetar mais as mulheres. Por fim, a desigualdade salarial ante os seus colegas masculinos é também um dos fatores de vulnerabilidade (HERNANDES, E; VIEIRA, L, 2020).

Além disso, há a situação das profissionais que são mães - afinal, como fica a situação dos filhos das profissionais da saúde? De acordo com especialistas, estas crianças devem ser afastadas por conta da ameaça constante de serem contaminadas, ao mesmo tempo em que, com as escolas fechadas, o problema continua a ser quem será o cuidador dela. Em alguns casos esta profissional não tem opções de contratar uma outra trabalhadora de cuidado (Gênero e Número, 2020).

A situação da mãe solo é bem difícil, e se possível for, elas devem contar com uma rede de apoio. É o caso da enfermeira Cristiana de Farias, 34 anos, que trabalha na área de treinamento do corpo de enfermagem em um hospital particular de São Paulo, e que decidiu se afastar dos filhos e colocá-los na casa da família, somente falando com eles por chamadas de vídeo (Gênero e Número, 2020). Mais uma vez, das 26,5% de mães solo no Brasil, 64,4% são mulheres negras, de acordo com dados do IBGE.

Ainda assim, a interseccionalidade de gênero e raça é incipiente nas pesquisas envolvendo profissionais da área da saúde, bem como as diferenças regionais de acordo



com o sexo e a raça, de modo que, é provável que existam nuances de desigualdade de gênero ainda não reconhecidas como tal no setor.

# EIXO TRABALHO DOMÉSTICO

Como dito anteriormente, as trabalhadoras domésticas representam um dos grupos mais vulneráveis frente aos impactos da pandemia de COVID-19. Apesar dos direitos trabalhistas recentemente conquistados com a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) das Domésticas e a regulamentação do trabalho doméstico com a Lei Complementar 150/2015, que foram frutos de um ativismo e sindicalização históricos, essas mulheres, profundamente marcadas por desigualdades de classe e raça estruturais, ainda enfrentam um grande grau de precarização e informalidade, o que consequentemente as expõe a diversos riscos e degradação de direitos ainda mais exacerbados com a pandemia.

Segundo a PNAD 2018, há mais de 6 milhões de trabalhadores(as) domésticos(as) no Brasil, sendo que 4,3 milhões destes (2,8 milhões mulheres negras) estão em situação de informalidade. Dados apresentados pelo Ipea em julho mostram que 68% destes trabalhadores(as) domésticos(as) informais (cerca de 2,8 milhões de mulheres e pouco menos de 200 mil homens) reuniam todos os critérios para acessar o Auxílio Emergencial do governo (PINHEIRO; TOKARSKI; VASCONCELOS, 2020, pp. 16-17).

Além do impacto socioeconômico, causado por afastamentos sem remuneração e demissões - dados do Instituto Locomotiva de abril apontam que 39% das famílias brasileiras dispensaram trabalhadoras domésticas sem pagamento (GUIMARÃES, 2020) -, muitas outras mulheres do setor tiveram que continuar trabalhando, sem direito ao isolamento social, dificultando a prevenção contra o vírus e aumentando sua situação de inequidade em saúde. Alguns governos estaduais e prefeituras declararam que os serviços domésticos, de modo geral, estão entre os serviços essenciais e, portanto, sem direito à quarentena, o que para a presidenta da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (FENATRAD), Luiza Batista, “é uma crueldade”, além de escancarar o racismo da sociedade (BATISTA apud PINHEIRO; TOKARSKI; VASCONCELOS, 2020, p. 13).

Algumas trabalhadoras domésticas, inclusive, foram contaminadas pelos próprios patrões que chegavam da Europa no início da quarentena, com suspeitas ou teste positivo para Covid-19, mas que não garantiram licença remunerada às suas funcionárias. É muito simbólico que a primeira vítima da doença no Estado do Rio de Janeiro tenha sido uma trabalhadora doméstica, que foi contaminada pela empregadora que estava de quarentena, voltando de uma viagem da Itália, mas não informou o fato à vítima (SIMÕES, 2020). Em junho de 2020, também chocou o país o falecimento do menino Miguel, que

estava aos cuidados da patroa da mãe, trabalhadora doméstica, enquanto esta passeava com o cachorro a mando da empregadora (G1, 2020).

Além disso, houve um aumento do trabalho doméstico “invisível” e não remunerado (na própria casa) e da sobrecarga física e mental sobre as mulheres durante a pandemia. Dados da pesquisa “Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia”, realizada pelas organizações Sempreviva Organização Feminista (SOF) e Gênero e Número, revelaram que 50% das mulheres brasileiras passaram a apoiar ou se responsabilizar pelo cuidado de outra pessoa durante a pandemia (2020, p. 32). A mesma pesquisa indicou que houve uma grande percepção de intensificação das tarefas domésticas como cozinhar, lavar a louça e limpar a casa, principalmente entre mulheres que passaram a trabalhar de casa, com manutenção do salário (2020, p. 37).

Nesse sentido, a pandemia aumentou o peso já elevado que o trabalho doméstico e de cuidados tem na organização da vida profissional de mulheres de diferentes perfis e classes sociais, embora prejudique majoritariamente as mulheres mais vulneráveis, ou seja, aquelas que recebem menos, não podem contar com uma rede de apoio, ou podem de forma limitada, e são mães de crianças pequenas. Por outro lado, o difícil equilíbrio entre o trabalho e o cuidado da casa e da família compromete a inserção profissional destas mulheres, obrigando-as a se submeterem a qualquer tipo de trabalho, sobretudo em tempos de crise (BRIGUGLIO, 2020, p. 183).

# REFERÊNCIAS

BRIGUGLIO, Bianca. **Cozinha é lugar de mulher?: a divisão sexual do trabalho em cozinhas profissionais.** (2020). Disponível em:

<[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/345669/1/Briuguqlio\\_Bianca\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/345669/1/Briuguqlio_Bianca_D.pdf)>

. Acesso em 04 Dez. 2020.

BRIGUGLIO, Bianca. **Cozinha é lugar de mulher? Desigualdades de gênero e masculinidade em cozinhas profissionais.** 2017. Disponível em

<[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498781075\\_ARQUIVO\\_biancabriuguqlio\\_cozinhaelugardemulher.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498781075_ARQUIVO_biancabriuguqlio_cozinhaelugardemulher.pdf)>. Acesso 04 dez 2020.

FERNANDEZ, B.P., Brena Paula Magno. **Economia feminista: metodologias, problemas de pesquisa e propostas teóricas em prol da igualdade de gêneros.** Brazilian Journal of Political Economy, 38(3), pp.559-583, 2018.

DA SILVA, C; MOURA R. **Quem cuida dos filhos das enfermeiras durante a pandemia?**

Gênero e Número, 28 mai. 2020. Disponível

em:<<http://www.generonumero.media/quem-cuida-dos-filhos-das-enfermeiras-durante-pandemia/>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

FERNANDEZ, Brena Paula Magno. **Teto de vidro, piso pegajoso e desigualdade de gênero no mercado de trabalho brasileiro à luz da economia feminista:** por que as iniquidades persistem? Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais, n. 26, p. 79-104, 2019.

FERREIRA, L. (AzMina); FERREIRA L (Gênero e Número). **Enfermeiras na linha de frente contra o coronavírus.** Cofen, 19 mar. 2020. Disponível em:

<[http://www.cofen.gov.br/enfermeiras-na-linha-de-frente-contra-o-coronavirus\\_78016.html](http://www.cofen.gov.br/enfermeiras-na-linha-de-frente-contra-o-coronavirus_78016.html)>. Acesso em: 03 dez. 2020.

G1. **Caso Miguel:** como foi a morte do menino que caiu do 9º andar de prédio no Recife. jun. 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pe/peernambuco/noticia/2020/06/05/caso-miguel-como-foi-a-morte-do-menino-que-caiu-do-9o-andar-de-predio-no-recife.ghtml>> Acesso em: 04 dez. 2020.

Gênero e Número. **O retrato da mãe solo na pandemia.** Disponível em: <<http://www.generonumero.media/retrato-das-maes-solo-na-pandemia/>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

GUIMARÃES, Lígia. **Coronavírus no Brasil:** 39% dos patrões dispensaram diaristas sem pagamento durante a pandemia, aponta pesquisa. abr. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52375292>> Acesso em: 04 dez. 2020.

HACKATHON, D.D. **Respondent-driven sampling:** A new approach to the study of hidden populations. In: *Social Problems*, p. 174 - 199, 1997.

HERNANDES, E; VIEIRA, L. **A guerra tem rosto de mulher:** trabalhadoras da saúde no enfrentamento à Covid-19. Portal de Notícias da ANESP, 17 abr. 2020. Disponível em: <<http://anesp.org.br/todas-as-noticias/2020/4/16/a-guerra-tem-rosto-de-mulher-trabalhadoras-da-sade-no-enfrentamento-covid-19>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

INSTITUTO THINK OLGA. **Eixo 2: Economia e Trabalho.** ONLINE, 2020. Disponível em: <<https://thinkolga.com/report/economia-trabalho/>>.

Núcleo de Estudos de Conjuntura (NEC). **Desigualdade de gênero e renda básica universal.** Campinas: Editora FACAMP, julho de 2020.

PINHEIRO, Luana; TOKARSKI, Carolina; VASCONCELOS, Marcia. **Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de COVID-19 no Brasil.** Ipea, 2020.

SIMÕES, Mariana. **Primeira morte do Rio por coronavírus, doméstica não foi informada de risco de contágio pela patroa.** Agência Pública, 19 de março de 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/03/primeira-morte-do-rio-por-coronavirus-domestica-nao-foi-informada-de-risco-de-contagio-pela-patroa/>> Acesso em: 04 dez. 2020.

SOF; GÊNERO E NÚMERO. **Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia.** 2020. Disponível em: <[http://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio\\_Pesquisa\\_SemParar.pdf](http://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf)> Acesso em: 04 dez. 2020.

Torini, D. **Questionários Online.** Sesc-São Paulo/CEBRAP. São Paulo, p. 52 - 75, 2016.

SANAR SAÚDE. **Mulheres negras e enfermeiras são mais vulneráveis no combate ao vírus.** Portal da Sanar, 2020. Disponível em:

<<https://www.sanarmed.com/mulheres-negras-e-enfermeiras-sao-mais-vulneraveis-no-combate-ao-virus>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

SANTOS, Gabriela B. M. et al. **Cuidado de si:** trabalhadoras da saúde em tempos de pandemia pela COVID-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 18, n. 3, 2020. Disponível em:<<https://www.scielo.br/pdf/tes/v18n3/0102-6909-tes-18-3-e00300132.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

UOL. **Mulheres são mais afetadas na pandemia com desemprego e acúmulo de tarefas.** 2020. Disponível em:

<<https://economia.uol.com.br/colunas/gabriela-chaves/2020/09/10/como-o-coronavirus-atinge-as-mulheres-da-america-latina.htm>>. Acesso em 04 dez. 2020.